

Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações*

*Regina Weber***

Resumo. Com o objetivo de circunscrever teorizações que permitam embasar as noções de “intelectual étnico” e “agente étnico”, propostas como alternativas à noção de “liderança étnica”, este texto repassa brevemente algumas reflexões marxistas (organização, consciência, experiência), buscando conexões com as noções de “agente” e “mediador”, e agrega pesquisas sobre a ação social de base étnica no sul do Brasil. Ao reunir teorizações formuladas para questões distantes das aqui analisadas, com pesquisas e interpretações efetivas sobre grupos étnicos, este artigo pretende incentivar a discussão sobre noções fecundas para os estudos étnicos: agente étnico e intelectual étnico.

Palavras-chave: Agente étnico; Intelectual étnico; Mediação.

Leaders, scholars and ethnic agents: meanings and interpretations

Abstract. Current paper provides Marxist postulates (organization, conscience, experience) to analysis theories that would foreground notions of “ethnic scholar” and “ethnic agent” as alternatives for “ethnic leadership”, seeking to make a connection with the terms “agent” and “mediator”. It also tries to aggregate research on ethnicity-based social activity in southern Brazil. The essay triggers a discussion on ideas with regard to ethnic agent and ethnic scholar for Ethical Studies since it collects theories on the issues under analysis through research and interpretations on ethnic groups.

Keywords: Ethnic agent; Ethnic scholar; Mediation.

* Artigo recebido em 20/02/2014. Aprovado em 23/07/2014.

** Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: regina.weber@ufrgs.br

Líderes, intelectuales y agentes étnicos: significados e interpretaciones

Resumen. Con el objetivo de circunscribir teorizaciones que permitan fundamentar las nociones de “intelectual étnico” y “agente étnico”, propuestas como alternativas a la noción de “líder étnico”, este texto repasa brevemente algunas reflexiones marxistas (organización, conciencia, experiencia), buscando conexiones con la noción de “agente” y de “mediador”; a la vez que agrega investigaciones sobre la acción social de base étnica en el sur de Brasil. Al reunir teorizaciones formuladas para temas distantes del que es considerado aquí, con investigaciones e interpretaciones efectivas sobre grupos étnicos, se pretende incentivar la discusión sobre nociones fecundas para los estudios étnicos: agente étnico e intelectual étnico.

Palabras Clave: Agente étnico; Intelectual étnico; Mediación.

1. O significado do “líder” para a existência do grupo social¹

A presença de “líderes” pode ser muito significativa na existência dos grupos sociais, particularmente em termos da visibilidade, identidade e, sobretudo, do poder de atuação destes grupos. Os líderes fundam associações e jornais, redigem textos, fazem discursos, buscam convencer os membros do grupo a aderirem a determinadas ideias e a participarem de entidades e eventos; empreendem esforços para agilizar o processo de reconhecimento dos adventícios por parte da sociedade de acolhida, nos casos de migrações; contrapõem-se a condições de vida e trabalho consideradas injustas ou discriminatórias e, em outro extremo, consolidam sua posição de notáveis em comunidades prósperas.

Antes de se deter no grupo *étnico*, que é o foco desta análise, são repassadas teorizações desenvolvidas para outros grupos, mencionando especificamente os operários ou mesmo “pobres”, tendo-se como pressuposto

¹ Pesquisa desenvolvida no estágio de Pós-doutoramento na Universidade Federal do Paraná.

que as mesmas auxiliam a compreensão de ações sociais de caráter étnico. Para conduzir a exposição, repasso brevemente algumas análises marxistas, destacando a questão da “consciência” de classe, seguindo com formulações de Bourdieu, especialmente a ação de um “agente” num campo de relações, que tanto formula representações, quanto interfere nas práticas. Ao alinhar autores de diferentes vertentes teóricas, inclusive internamente ao marxismo, pretende-se afirmar a importância de determinados personagens (“líder”, “intelectual”) em movimentos ou ações sociais, ainda que esta importância seja sabidamente menor no marxismo mais clássico, que prioriza a classe como um todo.

Na esteira da distinção marxista entre “classe em si” e “classe para si” e da noção “consciência de classe”, Hobsbawm, na coletânea *Mundos do Trabalho*, que reuniu textos editados na década de 1970 e início da década 1980, destaca a importância da organização formal para uma camada popular que pretenda ter suas demandas reconhecidas:

Num sentido mais amplo, “os pobres”, ou na verdade qualquer grupo subalterno, tornam-se sujeitos e não objetos da história somente através de coletividades formalizadas, não importa sob que tipo de estrutura. Todos sempre possuem famílias, relações sociais, atitudes com relação à sexualidade, infância e morte; e todas as características que mantêm os historiadores sociais proveitosamente atarefados. Mas, até os dois últimos séculos, como demonstra a historiografia tradicional, “os pobres” podiam ser ignorados a maior parte do tempo pelos seus “superiores” e, portanto, permaneciam largamente invisíveis a eles, precisamente porque seu impacto efetivo sobre os acontecimentos era ocasional, esparso e efêmero. Se desde o final do século XVIII isto não mais acontece, é porque eles se tornaram uma força institucionalmente organizada (HOBSBAWM, 1987, p. 404).

Para Hobsbawm, a consciência da classe operária, seja em nível das exigências específicas do dia a dia, seja quanto às “exigências mais gerais pelo tipo de sociedade que lhe convém”, implica sempre a organização formal; “e uma organização que seja ela mesma a portadora da ideologia de classe, que

sem ela seria pouco mais que um complexo de hábitos e práticas informais” (HOBSBAWM, 1987, p. 48).

A visão de Thompson sobre consciência de classe, exposta no célebre livro *The Making of the English Working Class (A Formação da Classe Operária Inglesa)*, de 1963, é um pouco diferente da equação consciência/organização de Hobsbawm. Importa, aqui, destacar a distinção de Thompson entre a experiência e a consciência, que aparecem reunidas na ideia de “cultura”: “a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistema de valores, ideias e formas institucionais” (THOMPSON, 1987, v. 1, p.10). A associação “consciência” com “formas institucionais” fica mais explícita nos capítulos finais da obra, quando o autor afirma que a nova consciência de classe dos trabalhadores estava, por um lado, encarnada em instituições, como os sindicatos da década 1830, e, por outro, dava suporte à reivindicação de um sistema alternativo (THOMPSON, 1987, v. 3, p. 411). Os “intelectuais” tiveram papel expressivo neste processo.

Nem todas as expressões de liderança étnica podem ser aproximadas da liderança operária. Se não é incomum a referência à “elite operária” como segmento da classe trabalhadora de onde são egressos os líderes desta, em alguns grupos étnicos, particularmente entre imigrantes, podem existir relações muito assimétricas entre os notáveis e os membros da base da comunidade, não raro com relações de classe, com patrões e operários pertencentes ao mesmo grupo étnico. Em alguns casos, trata-se de situações temporárias, como ocorre entre imigrantes jovens que permanecem como empregados por um tempo, estabelecendo-se posteriormente como proprietários.² Em outros, configuram-se relações paternalistas ou clientelísticas que contribuíam para dissolver conflitos de

² Vejam-se as trajetórias do emigrante galego Suárez Martínez na Argentina, na segunda metade do século XIX, assim como de conterrâneos espanhóis os quais ele recebeu posteriormente em suas empresas (BJERG; OTERO, 2006).

trabalho³ ou garantir eleitorado para um líder político.⁴ Há situações nas quais a condição de subalteridade realça uma demarcação étnica segmentar, como a dos “pomeranos” que trabalhavam para o “prussiano” Rheingantz, ainda que, exteriormente, fossem todos vistos como “alemães” (BOSENBECKER, 2011, p. 89). O que este artigo está sugerindo, é que as lideranças étnicas mais expressivas são aquelas que buscam reverter a situação de subalteridade do seu grupo, o qual não possui a seu favor poder econômico e político, e, sob este ponto de vista, estes líderes aproximam-se dos líderes operários.

Ao lançar mão da teoria de “espaço social” de Bourdieu, mais especificamente a contribuição dos “agentes” para a gênese da “classe”, é preciso ter em conta que a “classe”, para o sociólogo francês, não se restringe à classe econômica da teoria marxista e, inclusive, o autor alerta que sua teoria implica em rupturas com a visão marxista, porque esta nada diz “acerca da alquimia misteriosa pela qual um ‘grupo em luta’, coletivo personalizado, agente histórico que determina seus próprios fins, surge das condições econômicas objetivas” (BOURDIEU, 1989, p. 138). O que faltaria na teoria marxista é explicitar a ação dos “agentes”, que ao operarem em favor de seus interesses, isto é, na defesa de uma posição para si num “campo”, contribuem para a construção da classe, por meio de um trabalho de representação, “pela qual o representante faz o grupo que o faz a ele”:

O porta-voz dotado do pleno poder de falar e de agir em nome do grupo e, em primeiro lugar, sobre o grupo pela magia da palavra de ordem, é o substituto do grupo que somente por esta procuração existe; personificação de uma pessoa fictícia, de uma ficção social, ele faz sair do estado de indivíduos separados os que ele pretende representar, permitindo-lhes agir e falar através dele, como um só homem (BOURDIEU, 1989, p. 158).

³ Como exemplos, citam-se o caso dos trabalhadores friulanos na Argentina (CEVA, 2006, p. 123) e a “hierarquia étnico-racial” da empresa aérea Varig (FORTES, 2004, p. 200-212).

⁴ Veja-se a menção aos chefes políticos dos “bairros étnicos” americanos (GJERDE, 2006), dos quais a comunidade estudada por Whyte (2005) é um exemplo.

A “ficção social” a que se refere Bourdieu é a do sujeito coletivo, criado à custa “de um imenso trabalho histórico de invenção teórica e prática”, que acaba por lhe conferir realidade (BOURDIEU, 1989, p. 160). A “classe operária”, categoria central na teoria marxista, é um exemplo destes sujeitos coletivos que é resultado de um “trabalho histórico”.

A releitura destes teóricos visou alinhar elementos para fazer uma contraposição, ou melhor, uma complementação entre “experiência” e “agência”. Esta distinção é tributária da ideia, de inspiração marxista, de que a experiência da dominação, em si, não conduz à transformação social e política se não for processada por alguma forma de ação contínua que conjuga discursos e representações com práticas organizadas com algum nível de formalização.⁵ Não se desconhece que visão marxista tende a contemplar transformações sociais de maior amplitude, enquanto que o “agente” pode operar num espaço social de pequenas proporções. Os fenômenos étnicos, por sua vez, tanto se manifestam em pequenas comunidades, como podem mobilizar correntes de grande amplitude (os movimentos pan-étnicos).

Estes aportes teóricos, que explicitam a figura do “líder” distanciando o termo das conotações que o senso comum atribui ao mesmo, remetem aos debates, que extrapolam as pretensões deste artigo, sobre o papel do indivíduo na história e sobre “agência” no campo sociológico⁶. Já na década de 1960, buscando sistematizar controvérsias teóricas “após um século de conflitos” (GLÉNISSON, 1991, p. 239; 242) afirmava que, por um lado, os historiadores incorporaram, por contribuição dos sociólogos, a ideia do condicionamento do homem pelo meio social; por outro, estavam mais propensos que os sociólogos clássicos ao admitirem que o indivíduo possa influir na formação das

⁵ A afirmação de Marx de que “as circunstâncias fazem o homem na mesma medida em que os homens fazem as circunstâncias” norteia a noção da “práxis”, definida como o espaço de interpenetração entre as ações humanas e as condições estruturais (SZTOMPKA, 1991, p. 298-299).

⁶ Sobre “agência”, ver Sztompka (1991, p. 325-342).

representações coletivas. Nas décadas recentes, este debate tem continuidade com as discussões acerca do “gênero biográfico”⁷, e alguns autores de pesquisas sobre lideranças étnicas efetivamente inserem-nas neste campo de estudo.⁸

A síntese de Jon Gjerde, em artigo sobre imigrantes nos Estados Unidos, acerca do papel dos líderes étnicos nos remete ao postulado de Bourdieu de que o “agente” confere realidade ao grupo por meio de um trabalho de representação, ou, como segue, promove sua “criação simbólica”:

Como líderes, são essenciais na criação de símbolos e crenças que engendram uma noção de passado comum. Se os grupos étnicos se inventam no processo de migração e assentamento, os líderes étnicos são fundamentais na definição do grupo; eles convertem os imigrantes em sujeitos étnicos e, ao fazê-lo, promovem o processo de “etnicização”. Ao criar-se simbolicamente o grupo, a liderança étnica simultaneamente serve à sua comunidade como intermediário entre os imigrantes e as estruturas maiores, incluindo a oportunidade econômica e o poder e os direitos políticos (GJERDE, 2006, p. 63, tradução desta autora).

Os imigrantes, ao chegarem a uma nova terra, são vistos e tratados como adventícios, e, para conquistarem espaço social e direitos, e verem os mesmos reconhecidos, precisam atuar coletivamente, o que nem sempre ocorre de modo espontâneo ou sem conflitos. É sabido que todo grupo social possui diferenciações internas e, portanto, uma das primeiras tarefas para promover a coesão social é afirmar a identidade (homogeneidade) do grupo. É preciso haver um discurso que unifique, positivo, e este discurso deve ser associado a ações e práticas. Referindo-se às diferenciações internas entre imigrantes italianos e chineses nos Estados Unidos, Sarna (1978) sugere que se deve creditar um expressivo papel à imprensa imigrante e outras instituições culturais na unificação da comunidade imigrante. A ação consciente em prol da unificação é bastante visível no caso dos

⁷ Uma recente avaliação deste campo pode ser vista no artigo de Benito Schmidt (2012).

⁸ Ver, por exemplo, Silva (2006).

afrodescendentes americanos, tendo o movimento *black-power* americano justamente inspirado a elaboração acadêmica da noção de “etnogênese”, que descreve a tomada de consciência dos negros da sua diferença como povo vivendo no quadro dos Estados Unidos (BANTON, 1979).

O líder, entretanto, não pode apenas pela “magia” da palavra dar realidade ao grupo. Ele depende do grupo ou da classe. Ao comentar a trajetória do mineiro Herbert Smith, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o qual “se fez juntamente com a nova classe operária que ele ajudou a formar”, Hobsbawm (1987, p. 295) destaca que sua carreira de líder operário seria impensável em um período anterior, e numa visão marxista que privilegia a classe, enfatiza que Smith “foi sem dúvida excepcional; mas somente foi excepcional como uma árvore especialmente majestosa o é numa grande floresta”.

2. Estudos sobre liderança étnica

Os estudos sobre lideranças étnicas já existem há várias décadas. No panorama desenvolvido por Núñez Seixas (2006), as primeiras formulações sobre o assunto foram desenvolvidas nos Estados Unidos nos anos 1940, tratando de coletividades de imigrantes⁹ e dos negros. É nos anos 1970 que proliferam os estudos históricos sobre as correntes migratórias do período da imigração massiva (1880-1930). Fernando Devoto (2006) propõe uma periodização historiográfica sob outro ângulo, considerando os estudos sobre “dirigentes e lideranças étnicas” das últimas décadas um retorno, de certo modo, ao tema dos “dirigentes” e “estruturas institucionais”, central, segundo ele, na história social dos anos 1950 e 1960, mas que foi

⁹ Os imigrantes italianos foram estudados por F. Whyte, que pertenceu à denominada “Escola de Chicago”, expressão que nomeia várias gerações de pesquisadores vinculados ao Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, fundado no início do século XX (BECKER, 1996), pioneiro no estudo de grupos étnicos urbanos.

obscurecido na década de 1970 pelo estudo dos grupos subalternos. A par de muitas contribuições, entre elas a valorização da dimensão étnica de grupos sociais, este estudo das pessoas concretas ao nível de sua experiência cotidiana deixava em aberto a questão da generalização da experiência: “A ‘classe operária’ ou as ‘comunidades’ de imigrantes existiam verdadeiramente como tais em todo tempo e lugar? Eram um produto, por assim dizer, ‘espontâneo’ da experiência social, da colocação em um determinado contexto: a fábrica, um novo país?” (DEVOTO, 2006, p. 10).¹⁰

Entre os estudiosos dos processos migratórios da Europa para a América hispânica, a problemática da “liderança étnica” tomou impulso nos anos 1980, com clara influência dos pesquisadores americanos (DA ORDEN, 1995, p. 133). Em grande parte destes estudos sobre liderança étnica entre imigrantes europeus na América hispânica, a figura do “líder” confunde-se com a do “dirigente”, que, quase sempre, é uma figura com grande poder econômico e político.¹¹ Estudando imigrantes espanhóis no Uruguai, principalmente durante as décadas anteriores e posteriores ao fim do século XIX, Carlos Zubillaga (2000) demonstra que: 1) suas lideranças consolidam-se como um reflexo do triunfo econômico, 2) era justamente uma posição econômica desafogada que permitia diversas modalidades de consolidar prestígio, tais como a participação em entidades espanholas e 3) a reputação pública era vista como um corolário do enriquecimento. Neste contexto uruguaio, a militância política de viés anarquista era uma modalidade marginal de liderança, predominando as posições elitistas e conservadoras, sendo esperado até mesmo dos líderes intelectuais que

¹⁰ A minimização do papel das lideranças operárias pela nova historiografia das classes trabalhadoras da década de 1980, na qual se destaca a tendência que valoriza a “experiência” dos trabalhadores, já havia sido questionada por Emilia Viotti da Costa (1990).

¹¹ Não é este o caso da comunidade italiana dos Estados Unidos analisada no precursor estudo de William F. Whyte (2005), cujos jovens, entre as décadas de 1930 e 1940, tinham poucas alternativas ao envolvimento com atividades mafiosas.

cumprissem um papel de apologistas, tanto do Estado espanhol, quanto dos líderes econômicos da imigração, retratados como *self made men* (ZUBILLAGA, 2000).

De modo semelhante, vários artigos que participam da coletânea “De la Europa a las Américas” (BERNASCONI; FRID, 2006) analisam a trajetória de imigrantes que tornam-se “notáveis” no espaço mesmo de uma geração na Argentina: 1) dinamarquês e galego que se instalam na segunda metade do século XIX em Tandil, região do Pampa argentino, onde se tornam proprietários (de terras e de casa comercial, respectivamente) e que ascendem ao poder político local; 2) espanhóis que acumulam capital por meio de investimentos em terrenos urbanos na cidade de Rosário na segunda metade do século XIX e 3) presença da comunidade espanhola nos grupos mercantis de Buenos Aires na décadas finais do século XIX e iniciais do século XX. Em todos estes casos, encontramos os personagens estudados vinculados a entidades representativas de seus conacionais. Uma das pesquisas da coletânea, que não foca grandes proprietários ou comerciantes, exemplifica uma situação de disputa interna pela liderança da comunidade. Reverberando a agitação política na Itália, na segunda década do século XX, dois diários de Buenos Aires, L'Italia del Popolo e La Patria degli Italiani, ambos integrantes da Federação das Associações Italianas, entram em conflito (BERNASCONI, 2006): L'Italia del Popolo assume posições republicanas, socialistas e mesmo comunistas, contra as quais La Patria degli Italiani irá brandir uma difusa ideia de “italianidade”, que é vencedora, sendo os jornalistas radicais expulsos da federação.

O grau de “institucionalização” das manifestações de identidade étnica (festividades cíclicas, publicações periódicas, formalização de associações, construção de sedes etc.) depende, não apenas, do grau de adesão daqueles aos quais se dirige o discurso aglutinador do líder, pois tem

também estreita relação com o nível de recursos daqueles. Referindo-se ao cenário interétnico do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX, Santos (2013) aponta “as desigualdades das condições de partida entre as etnias, na criação e manutenção de mecanismos de integração e ascensão social de cada um dos grupos”, lembrando que, comparativamente aos imigrantes europeus, a elite negra letrada “teve dificuldades em se reproduzir socialmente e não conseguiu manter a maioria das suas conquistas sociais, como foram os casos dos clubes, jornais e associações culturais”. É justamente em função desta diferença de recursos econômicos, sociais e políticos, em sociedades onde as diferenças étnicas são reforçadas pela estrutura de classes, que se coloca a questão: em que medida as pesquisas sobre lideranças étnicas na América podem nortear teoricamente interpretações tanto de grupos que compõem, ou que passam a compor em pouco tempo, os estratos das elites locais, quanto de grupos que estão situados, e pressionados a aí se manter, em estratos menos favorecidos de sociedades multiétnicas?

A partir de releitura de inúmeros estudos, a maior parte do resultado de estudos intensivos para dissertações e teses de pós-graduação sobre grupos étnicos no sul do país, tanto na área de história como de antropologia, as reflexões que seguem reúnem elementos para delinear o “intelectual étnico” como um tipo específico de “agente étnico”.¹² Estas expressões, mesmo quando estão explícitas, não aparecem propriamente como “conceitos”; entretanto, tendo seu emprego se mostrado bastante fecundo nos estudos analisados, este artigo destaca seu potencial teórico para a interpretação do fenômeno da etnicidade.

¹² Visto como um representante de seu grupo, o intelectual objeto desta análise não deve ser confundido com os intelectuais de elite tidos como expressão do “pensamento brasileiro”, os quais refletiam sobre a identidade do país em termos de raça e nacionalidade. Sobre o assunto, ver Skidmore (1976).

3. Referenciais para a noção de “intelectual étnico”

A expressão “intelectual étnico” foi empregada por Herbert Gans, em artigo originalmente publicado em 1979, no qual o autor se posiciona nos debates da década de 1970 sobre a questão da etnicidade.¹³ Dois de seus argumentos vêm ao encontro das interpretações deste artigo expostas na sequência: 1) a maior visibilidade de “étnicos”¹⁴ se deve a sua ascensão à classe média e consequente presença nos meios de comunicação e 2) a florescente cultura impressa de intelectuais étnicos que ingressaram na academia se deve, em parte, à necessidade de publicação dos intelectuais e, por outro, por seu desejo de contra-atacar os preconceitos antiétnicos ainda presentes em prestigiosas universidades (GANS, 1996, p. 430).

Neste direcionamento de foco para um gênero de “lideranças étnicas” que têm papel tanto na formulação simbólica do grupo, quanto na defesa de interesses e direitos, são revistas, previamente, algumas considerações sobre a figura do “intelectual”.

Em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, depois de repassar várias formas de “experiência” da classe trabalhadora inglesa na segunda metade do século XVIII, as quais contribuíram para a “cultura operária”, Thompson, quando afirma a existência de uma “consciência de classe” entre os trabalhadores no início do século XIX, menciona de forma recorrente a presença de intelectuais e mesmo de uma “cultura intelectual” como elementos desta consciência. E alguns deles destacaram-se por sua importância, como foi o caso do jornalista William Cobbett:

¹³ As teorias funcionalistas da década de 1950, bem adequadas à triunfante sociedade liberal, postulavam uma teoria da assimilação, na qual era previsto o desaparecimento dos grupos minoritários, integrados a uma uniformização cultural em conformidade com o tipo ideal do americano (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 66-68). Estas teorias passaram a receber críticas consistentes a partir da década de 1960. Gans (1996), mesmo reconhecendo as críticas à teoria da “assimilação em linha reta”, argumenta que o processo de assimilação efetivamente ocorre ao longo das gerações.

¹⁴ Gans (1996) está se referindo explicitamente aos descendentes de imigrantes “católicos”, que são minoria nos EUA.

Dizer que ele não era absolutamente um pensador sistemático não significa que não tivesse uma séria influência intelectual. Foi Cobbett quem criou essa cultura intelectual radical, não porque tenha oferecido a ela as ideias mais originais, mas por ter encontrado o tom, o estilo e os argumentos que uniriam num discurso comum o tecelão, o mestre-escola e o operário dos estaleiros. Da diversidade das injustiças e interesses, ele extraiu um consenso radical (THOMPSON, 1987, v. 3, p. 343).

Importa destacar aqui a aceção que Thompson dá ao termo intelectual: não se trata de um pensador original, ancorado em uma metodologia intelectual, mas de uma pessoa capaz de articular experiências diferentes, dando-lhes uma síntese que é expressa em um discurso comum que é reconhecido por aqueles aos quais se destina. Na história política das décadas mais recentes, o termo tem sido conceituado de modo semelhante, tal como em Sirinelli (2003, p. 242), para quem a versão ampliada do termo intelectual pode abarcar “tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito”.

Há mais de uma década já existem estudos que utilizaram o termo “intelectual”, nesta sua aceção mais lata, aplicado a líderes de grupos étnicos. Em dissertação defendida em 1996 sobre a presença teuta em Porto Alegre no século XIX, Magda Gans (2004, p. 112) denomina “intelectuais teutos” aqueles que ajudaram a formatar uma identidade teuto-brasileira: “indivíduos que elaboravam ou reproduziam proposições claras a respeito da comunidade imigrante e de sua inserção na sociedade local, e que se encontravam em posição de divulgá-las como jornalistas, escritores, clérigos, políticos, professores, lideranças comunitárias”. Em sua dissertação de mestrado, José Antônio dos Santos (2003) utiliza a expressão “intelectuais negros” para se referir aos fundadores e escritores do jornal *A Alvorada*, a maior parte dos quais oriundos de camadas operárias e que buscaram, quase sempre, acesso à instrução, e Maria Clara Moccelin (2008, p. 15), em estudo antropológico sobre a região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, constatou que “havia

uma vasta literatura sobre a imigração na região colonial italiana, escrita por diversos tipos de intelectuais locais; desde memorialistas, cronistas, padres, literatos, até intelectuais acadêmicos”.

Se o intelectual étnico é alguém que fala para um grupo, tendo ação num dado espaço de relações sociais (é um “agente”); se é possível associar as ações “étnicas” às ações classistas, particularmente as dos trabalhadores, chegue-se a outra noção marxista, a de “intelectual orgânico” de Gramsci. Considerando que a função do intelectual orgânico é dar “homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político” ao grupo social com o qual partilha “uma função essencial no mundo da produção econômica” (GRAMSCI, 1979, p. 3), a noção se aplica com propriedade aos grupos cuja condição étnica tem estreita relação com sua posição econômica; daí o fato de a mesma estar sendo utilizada em estudos de líderes étnicos afrodescendentes ¹⁵ e em pesquisas sobre descendentes de italianos mobilizados em ações culturais geradoras de representações simbólicas sobre a italianidade, as quais endossavam sua condição de elites locais emergentes nas décadas de 1960 e 1970 (MOCCELIN, 2008).

Com a tese de Maria Clara Moccelin também podemos ver a noção de “agente” de Bourdieu sendo aplicada a grupos que estão em processos de afirmação social. Como “agentes sociais” ou “agentes culturais”, empresários e intelectuais, quase sempre descendentes de “colonos”, afirmam-se enquanto camadas urbanas, positivando a estigmatizada figura do agricultor (MOCCELIN, 2008). Um dos primeiros autores a empregar a noção de “agente” no estudo de grupos étnicos já observara que os segmentos de descendentes de imigrantes social e culturalmente mais bem-sucedidos, e

¹⁵ A dissertação de José Antonio dos Santos (2003), mencionada acima, foi, salvo engano, o primeiro trabalho acadêmico a fazer a emprego da noção de “intelectual orgânico” como “intelectual étnico”.

progressivamente mais distantes das origens “coloniais”, eram os mais inclinados a valorizar estas “origens”, agora associadas a um país (Itália) que passara à condição de primeiro mundo (CORADINI, 1996). Outro estudo antropológico que utilizou a noção de agente, referindo-se mesmo ao “ativista da italianidade”, ainda que este “movimento étnico” não seja seu foco, é o de Zanini (2006).

Nas análises que manejam com as categorias de “intelectuais étnicos” e “agentes étnicos”, as interpretações, mesmo quando destacam indivíduos específicos, privilegiam as redes de relações nas quais estes estão situados, que também são redes de trocas intelectuais. Moccelin mostra como a Universidade de Caxias do Sul funcionava como “espaço privilegiado da rede de relações entre empresários e intelectuais na construção da italianidade” (2008, p. 148). Um exemplo concreto de trocas intelectuais pode ser visto na relação entre dois descendentes de escravos envolvidos com a prática esportiva no Estado de Santa Catarina, cujo poder de liderança tinha correlação com seu nível de instrução (ROSA, 2011). Mais recentemente, as relações entre o Grupo Palmares, fundado em Porto Alegre em 1971, por quatro negros universitários, e o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) do Rio de Janeiro estão na origem do Movimento Negro Unificado (CAMPOS, 2006).¹⁶

Os personagens que estão sendo denominados de “intelectuais étnicos” ficam a meio caminho entre afirmar valores e práticas culturais específicas do grupo do qual são originários e serem os proponentes de novas práticas a este mesmo grupo, com vistas a aumentar sua receptividade por parte da sociedade majoritária, ao mesmo tempo em que reforçam sentimentos de identidade. Para Devoto (2006, p. 14), na função de mediação de relações verticais (entre imigrantes com poucos recursos de qualquer tipo e outros

¹⁶ Redes político-intelectuais, perpassadas por sociabilidades informais ou formais (no âmbito de associações), estão referidas na revisão de Maíz (2013) sobre algumas pesquisas ancoradas na metodologia de “rede intelectual”.

conjuntos sociais) por parte dos líderes e dirigentes, é que se joga a sorte das possibilidades de coesão, pela construção de identidades, de um conjunto de imigrantes.

Um pouco diferente da noção de “mediadores” empregada por Devoto, está a de “mediadores culturais”, desenvolvida pelas ciências sociais, a qual se refere àqueles que são responsáveis pela “consagração de estilos de vida, práticas sociais e valores culturais empreendidos dentro de diferentes esferas, como a intelectual, a acadêmico-científica, a artística, a político-burocrática e a religiosa”, conforme estudo de Seidl (2007) das carreiras religiosas vinculadas a grupos oriundos da imigração italiana e alemã no Rio Grande do Sul. A historiografia da imigração já destacou tanto a função da mediação para a adaptação, quanto o papel central ocupado pelo clero secular neste fenômeno: “O sacerdote ocupava um lugar destacado na sociedade e entre os imigrantes. Ele era um mediador inquestionável, pelo cargo que desempenhava, e reunia a máxima cultura do lugar pela relevância de sua formação cultural” (CEVA, 2006, p. 114).

A ação do clero junto aos grupos étnicos, extrapolando a esfera propriamente religiosa e estendo-se a vários âmbitos sociais, não deve ser negligenciada, considerando que eles foram, em vários contextos, os primeiros líderes e intelectuais étnicos, haja vista o papel das irmandades negras desde antes da abolição da escravatura: “Todas estas iniciativas levadas a cabo pela Irmandade do Rosário contribuíram de fato para a constituição de um grupo diferenciado de negros, uma espécie de “elite” intelectual e proprietária, que a partir de 1870 buscou ampliar seu espaço social fundando clubes, associações beneficentes e até mesmo um jornal” (MÜLLER, 2013, p. 140).

Para o sul do Brasil, são inúmeros os estudos que descrevem o papel do clero junto às comunidades de imigrantes, cujo leque abrange desde párocos de comunidades rurais até as congregações com sede em grandes

centros urbanos.¹⁷ Mesmo em áreas urbanizadas, nas quais cederam espaço a personagens laicos, como jornalistas, cônsules e professores, os religiosos não deixaram de ser agentes étnicos. Duas congregações religiosas de origem polonesa, com sede em Curitiba, permanecem atuantes, a Congregação da Missão Província do Sul, da ordem dos vicentinos, cujos primeiros missionários chegaram ao Paraná no início do século XX, e a Sociedade de Cristo para os poloneses emigrados, cujos primeiros sacerdotes chegaram ao Brasil em 1958 (75 ANOS, 1978; MALCZEWSKI SCHR, 2000). Além de atuarem em paróquias onde há imigrantes/descendentes de poloneses, estas entidades abriram espaço para ações culturais e intelectuais, entre as quais se destaca a edição da revista *Projeções* – revista de estudos polono-brasileiros, fundada em 1999 e substituída, em 2010, por *Polonicus* – revista de reflexão Brasil-Polônia, que edita artigos de pesquisa acadêmica além de ensaios (MALCZEWSKI SCHR, 2010). Tanto Zanini (2006), quanto Moccelin (2008), em suas pesquisas sobre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, destacaram a atuação de religiosos na esfera intelectual, seja como diretores de centro de pesquisas e museus, ou editores, pesquisadores e escritores. O movimento afrodescendente contemporâneo também tem reforço de personagens religiosos:

O padre foi passando, pessoa por pessoa, e foi untando com um óleo as mãos de cada um. Depois celebrou o canto da saudação, cantando “Povo negro trazido de longe Escravo, a riqueza gerou. Não aceitou a chibata. Quilombo: liberdade de uma raça com valor”. Assim, de acordo com o padre, ele transformava o templo da igreja em um terreiro afro-brasileiro e fundava um quilombo na Catedral Nossa Senhora da Conceição, com a presença de dois Reis de Maçambique que são os herdeiros reinventados dessa tradição africana (BITTENCOURT JUNIOR, 2007, p. 308).

¹⁷ Ver a análise sobre os conflitos entre católicos e luteranos acerca das escolas confessionais católicas e luteranas nas primeiras décadas do século XX, os quais tanto beneficiaram a educação em Santa Catarina, quanto geraram cisões internas quando opunham o clero teuto-luterano e o clero alemão romanizado (KLUG, 1998).

A mediação, religiosa ou laica, opera tanto na defesa do grupo ante a sociedade majoritária, quanto no estímulo a uma melhor inserção do grupo na sociedade mais ampla, manifestando-se por meio de discursos dos porta-vozes que se dirigem ora aos não membros e ora aos membros, ou simultaneamente a ambos os conjuntos, corroborando a visão de Sarna (1978, p. 372) de que a unidade étnica é consequência da atribuição e da adversidade.

No Paraná, um cônsul polonês das primeiras décadas do século XX, em texto escrito em polonês em 1927, reclamava do baixo nível cultural dos camponeses imigrantes; por outro lado, atuando como uma espécie de “agente étnico” em favor de seus conterrâneos, este diplomata observava que as elites locais reservavam para si os postos políticos e burocráticos, mesmo em áreas coloniais, o que contribuiu para o alijamento social dos poloneses (WACHOWICZ, 1974, p. 192).¹⁸ Ante a intensificação da pressão de órgãos nazistas sobre a comunidade teuto-brasileira do sul do país, um de seus principais líderes em Porto Alegre, o então prefeito Alberto Bins, declara por meio do principal periódico regional que “antes de tudo, somos brasileiros” (GERTZ, 1987, p. 83). Semelhante discurso de adaptação pode ser visto no principal jornal alemão de Blumenau, o *Urwaldsbote*, quando o novo editor passa a destacar o caráter “brasileiro” do político descendente de alemães, Lauro Müller, na reedição de sua biografia durante o Estado Novo (FROTSCHER, 2003, p. 214). Em décadas mais recentes, o político negro Carlos Santos, deputado federal de origem operária, em sessão na Câmara Federal em 13 de maio de 1982, lembrou que o negro afro-brasileiro “continua a ser transportado nos ônibus, nos trens e nas barcas superlotados, como gado, porque é, ainda, em sua imensa maioria, pobre, proliferando nas

¹⁸ Outro exemplo deste modo de agência são as manifestações do consulado alemão em Santa Catarina. Ver, por exemplo, as preocupações do cônsul de Florianópolis com as disputas entre religiosos protestantes e católicos acerca do ensino confessional em 1912 (KLUG, 1998, p. 118), e do cônsul de Blumenau com desmembramento da cidade e com o crescimento do integralismo entre os descendentes de alemães (FROTSCHER, 2003, p. 52; 61).

malocas e morros, realizando as atividades laborativas mais perigosas, mais penosas e mais desvalorizadas” (CLEMENTE; BARBOSA, 1994, p. 39).

Em termos de incentivo à promoção do grupo, a principal ação das lideranças foi a ênfase na educação. No início do século, no Paraná, “as colônias rutenas são tomadas por uma verdadeira ânsia de escolaridade, associando muito intimamente o sucesso da imigração com o princípio da educação” (ANDREAZZA, 1999, p. 94). Na década de 1930, o jornal *A Alvorada*, fundado por operários negros da cidade de Pelotas (RS), promoveu a Campanha Pró-Educação (SANTOS, 2003). Diferenciando as escolas particulares italianas daquelas apoiadas pelo governo italiano¹⁹, na primeira metade de século XX na região de colonização italiana, Liane Ribeiro destaca que as primeiras buscavam professores que ensinassem português, pois “isto permitiria uma mais rápida adaptação à cultura envolvente, e, ainda, a possibilidade de relações sociais e comerciais com outros grupos, particularmente aqueles que representavam o poder público” (1990, p. 561). Segundo Bartel, a escola judaica, em várias cidades brasileiras, exerceu o papel de “fonte difusora da cultura e da identidade judaica” (2012, p. 153).

Perpassando a criação e a manutenção de entidades associativas, escolas, festividades e construções de monumentos estão as “representações” que, tanto quanto as necessidades de educação e autoproteção foram propulsoras daquelas; em conjunto, todas estas ações investem na construção e manutenção de memórias e identidades. Analisando um caso específico, a Sociedade Portuguesa Beneficente Primeiro de Dezembro de Curitiba, Roseli Boschilia (2008, p. 354) conclui que suas ações extrapolavam o atendimento de demandas pragmáticas, contribuindo para a coesão do grupo ao estimular

¹⁹ Nesta situação, o próprio governo do país dos emigrados atua como “agente étnico”, pois o apoio dos agentes consulares à manutenção de escolas para filhos de imigrantes expressavam o interesse do governo italiano, em manter, entre os grupos de imigrantes, vínculos com a pátria de origem (RIBEIRO, 1990, p. 566).

uma identidade comum. A ação intelectual pode ser melhor dimensionada em sociedades onde grupos étnicos já possuem entidades consolidadas e dispõem de condições de associar o “pragmático e o simbólico”, expressão utilizada por Roswithia Weber (2004) em suas pesquisas sobre a comemoração do centenário da chegada dos imigrantes alemães a São Leopoldo, com foco nos protagonistas da festividade, cujas ações em “produções textuais, ao lado do cimento e do mármore” conjugavam-se para a demarcação da identidade de um grupo específico.²⁰ Miriam de Oliveira Santos (2004, p. 284) justifica o caráter hegemônico assumido pela imagem idealizada da colonização italiana no município de Caxias do Sul, “elaborada inicialmente pela elite urbana através das biografias laudatórias e do Álbum comemorativo dos 75 anos da Imigração Italiana, além, é claro, dos desfiles da Festa da Uva”, pelo fato de que “seus elaboradores detêm cargos importantes na cidade, tanto no campo político como intelectual”. No entanto, argumenta a autora, “não podemos esquecer que mesmo as tradições inventadas têm um componente inconsciente, e que não podemos reificar a instrumentalização” (SANTOS, 2004, p. 250).

Formas de representação presente em diferentes imigrantes, que remetem à “criação simbólica” do grupo, foram as que garantiram identidades específicas, em contextos que pressionavam fortemente para a subsunção de um grupo em outro já reconhecido, como a dos rutenos no interior do Paraná no início do século XX, cuja diferenciação com relação aos “poloneses” deve-se à mobilização de uma *inteligência* local, organizada em torno da sociedade

²⁰ Num dos primeiros estudos sobre a relação entre festa e identidade no sul do Brasil, as autoras argumentam que os “fazedores da festa” estavam conscientes da “importância de ter o passado como referência para que os moradores da cidade se identificassem, de modo geral, com a festa” (WOLFF; FLORES, 1994, p. 219). Na organização das festividades, estudadas por Roswithia Weber e Wolff e Flores, sendo as mesmas de caráter municipal, estavam presentes pessoas que não eram descendentes de alemães, o que não minimiza o papel hegemônico destes.

cultural e educacional, a Prosvita (ANDREAZZA, 1999, p. 91).²¹ Na outra ponta, alemães, italianos e poloneses que emigraram antes da consolidação nacional de seus países de origem, precisaram operar discursos que superassem o regionalismo. E, ao longo das gerações, todas as representações étnicas são desafiadas pela miscigenação.

Atribuir um nome (processo de “nominção”) e delimitar quem pertence e quem não pertence ao grupo é presentificar uma identidade com elementos selecionados e estereotipados de um passado comum. O protagonismo dos intelectuais étnicos também se manifesta na produção de novos imaginários para velhos personagens: se, no passado, “descendente de italiano” remetia à pessoa com menos instrução formal, hoje significa o “empreendedor” (MOCCELIN, 2008, p. 28). A denominação “Clube Náutico Cruz e Souza” a um clube fundado por negros e operários portuários de Itajaí (SC), em 1919, revela a disposição de lideranças negras para ocupar espaços sociais restritos, em uma sociedade que apenas há uma geração emergira da escravidão (ROSA, 2011, p. 79-82).

As representações da identidade encontram sua forma mais elaborada, e socialmente reconhecida como característica do âmbito intelectual, quando se sistematizam em textos escritos, que constituem também o modo principal de acesso àquelas pelos historiadores contemporâneos. Muitos dos estudos sobre lideranças, representações e intelectuais étnicos podem ser conduzidos porque os agentes deixaram suas ideias grafadas em periódicos, desde simples panfletos até jornais que, em alguns casos, alcançam regularidade e grande quantidade de exemplares impressos e distribuídos. Os jornais de propriedade de alemães em

²¹ “Ruteno” é uma distinção étnica de origem religiosa, e o termo deriva do fato de que no século X a atual Ucrânia, cujo movimento nacionalista é posterior à imigração, correspondia ao ‘Reino de Rush’ de Kiev (ANDREAZZA, 1999, p. 87-88). O poder excepcional (padre, médico, juiz) concentrado pelo padre João Michalczuk, que atuou no microcosmo do povoado ruteno de Antonio Olinto de 1911 a 1952, afastando a influência dos imigrantes ligados à *Prosvita*, reedita a figura do “senhor” medieval, distanciando-o do líder étnico, mesmo que externamente ao grupo ele fosse visto como tal (ANDREAZZA, 1999, p. 107-119).

Santa Catarina, além de indicadores de seu poder político e econômico, também foram um modo de afirmação étnica, o que é exemplarmente demonstrado quando o *Urwaldsbote*, jornal em língua alemã de maior tiragem no Estado, reage à perda de poder da elite econômica e política do vale do Itajaí com a Revolução de Trinta, afirmando as “produções simbólicas que as classes economicamente dominantes haviam formulado” (FROTSCHER, 2003, p. 65).²² A imprensa negra, composta por uma diversidade de periódicos na primeira metade do século XX, fazia parte “de um amplo processo de tomada de consciência da situação material precária e da discriminação racial em que viviam aqueles grupos” (SANTOS, 2003, p. 99).

Além dos periódicos, quase sempre editados por associações, alguns autores se expressaram por meio de livros, como J. Aloys Friederichs, um dos ideólogos do germanismo no Rio Grande do Sul, cujo *Liederbuch*, um livro de cantigas em alemão, alcançou grande popularidade entre a população teuto-brasileira (SILVA, 2006, p. 224). A falta de recursos dos jovens negros do Grupo Palmares torna mais significativa sua ação de editar, em 1976, por meios próprios, o livreto *Mini História do Negro Brasileiro*, com uma síntese da proposta de revisão historiográfica defendida pelo grupo desde seu surgimento, a qual advogava por uma nova história do escravismo e da presença negra no país (CAMPOS, 2006).

A prática da publicação de periódicos e livros pode conduzir ao estabelecimento de laços estreitos com editoras, quando não à criação de editoras fortemente vinculadas a grupos étnicos, fenômeno que pode ser visualizado no contexto do Rio Grande do Sul, Estado onde precocemente surgiu a Editora Rotermund, fundada em 1880, em São Leopoldo, pelo pastor

²² Quando os interventores promovem o desmembramento de Blumenau, o jornal passa a veicular a imagem da “Grande Blumenau”, representação alicerçada na imagem de uma “unidade político-administrativa, herdeira de um passado comum de colonização europeia” (FROTSCHER, 2003, p. 63).

luterano, Wilhelm Rotermond (KREUTZ, 2008). Em termos do movimento étnico mais contemporâneo, destaca-se a EST Edições, da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, surgida na década de 1970, que, em parceria com a Universidade de Caxias do Sul, editou várias obras sobre imigração italiana (MOCCELIN, 2008, p. 68). Do mesmo modo que alemães e italianos, são religiosos os pioneiros editores entre poloneses, que, a partir do jornal Lud, editado desde a década de 1920, deram origem à Sociedade Editorial Lud, sucedida pela gráfica Vicentina na década de 1960 (75 ANOS, 1978, p. 23).²³ Mesmo que intelectuais negros, por meio de recursos atuais que facilitam o processo editorial, consigam dar realidade a uma editora denominada “Ponto Negro”, por meio da qual foram publicadas as obras de um pensador do grupo afrodescendente em Porto Alegre (SANTOS, 1990), suas possibilidades editoriais estão bastante distantes das usufruídas, há bastante tempo, por descendentes de imigrantes. Entretanto, observa-se que os grupos se assemelham neste esforço de edição de obras, que são uma das formas de promover o grupo, interna e externamente a ele.

Espaços de atuação importantes dos intelectuais étnicos são os museus e centros de documentação e as instituições de ensino superior. Alguns museus, mesmo com perfil diversificado nos dias atuais, tendem, pela região onde estão inseridos, a operar como espaços de memória de grupos específicos, como é o caso do Museu e Arquivo Histórico e Geográfico Henrique Uebel, fundado em 1993, na cidade de Teutônia (RS) (BALLER, 2008)²⁴, e do Instituto Memória Histórica e Cultural, da Universidade de Caxias do Sul, cuja origem, em 1993, é o Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudo e Pesquisas (ISBIEP) (MOCCELIN, 2008, p. 64). O Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre,

²³ Em 2005, entrou em funcionamento no Rio Grande do Sul uma editora laica fundada por dois descendentes de imigrantes poloneses (RODYCZ & ORDAKOWSKI, 2005).

²⁴ O mais antigo museu criado por iniciativa de descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul é o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, fundado em 1959.

implantado a partir de 2010, desenvolveu-se com a pesquisa histórico-antropológica (BITTENCOURT JUNIOR et al., 2010). Justificando a profusão de estudos judaicos desde a década de 1990, no Brasil, Carlos Bartel (2012, p. 48) credita um importante papel aos arquivos e acervos sobre judaísmo, criados nas décadas anteriores.

Os cursos de humanidades de universidades localizadas em áreas de concentração de descendentes de imigrantes podem se tornar espaços de atuação de intelectuais étnicos no sentido estrito do termo, isto é, que se dedicam a realizar pesquisas sobre o conjunto de imigrantes que inclui seus antepassados. É isto que se observa no Rio Grande do Sul, onde observamos uma concentração de pesquisas sobre italianos na Universidade de Caxias do Sul, e sobre imigrantes alemães em São Leopoldo (na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e na Escola Superior de Teologia [luterana]). Mais recentemente, a URI (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões), cuja sede fica em Erechim, localizada em região de forte concentração de poloneses, passou a ser espaço de produção histórica sobre este grupo (WEBER, WENCZENOVICZ, 2012). Esta busca por um espaço acadêmico específico pode ser bem dimensionada pela recente fundação, em julho de 2010, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como Universidade Pública Federal, com unidades em Estados do Nordeste e ensino a distância.²⁵

Um tipo peculiar de intelectual étnico são os que se expressam de modo literário e artístico, pelo romance ou pela poesia e por meio da música, instrumentos que podem ser tão ou mais poderosos que os artigos de jornalistas ou textos acadêmicos. A repercussão das músicas e do estilo de viver a negritude do *black* Rio, fator de conscientização dos negros cariocas, também

²⁵ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Portal disponível em: <http://www.unilab.edu.br/institucional/como-surgiu/>. Acesso: 13 jan. 2014.

influenciou afrodescendentes no Rio Grande do Sul na década de 1970 (CAMPOS, 2006). No Rio Grande do Sul, *O Quatrilho*, de José Clemente Pozenato, e *Uma Ponte para Terebin*, de Leticia Wierzchowski, são romances que projetam os imigrantes italianos e poloneses, respectivamente, o que foi reconhecido pelos próprios autores (MOCCELIN, 2008, p. 61; WEBER, 2009, p.38).

Conclusões

A releitura de obras de diferentes enquadramentos empreendidas acima teve por objetivo reunir elementos para dar corpo à noção de “intelectual étnico” como operativa aos estudos sobre etnicidade. Mesmo agregando contribuições da historiografia da imigração sobre “líderes e dirigentes étnicos”, observou-se, entretanto, que a figura do “líder étnico” está muito associada a “dirigentes”, personagens que poderiam concentrar um poder muito maior que seus contrerrâneos, não raro estabelecendo com estes relações bastante assimétricas, decorrentes do poder econômico e político que conquistaram, principalmente em zonas de ocupação recente ou áreas ou setores de expansão de expansão econômica. Fecundas se revelaram as contribuições em torno às ideias de “mediação”, “intelectual orgânico” e, principalmente, “agente social”, mais próprias do campo da sociologia e antropologia, mas não estranhas aos historiadores contemporâneos. Conjugando práticas (“ações”) com representações, os agentes fundamentam, reforçam e propagam identidades étnicas, as quais, se possuírem um elemento de criação e invenção, não operam no vazio, pois o passado e a história foram chamados a serem fiadores da memória.

Este conjunto de contribuições permitiu delinear os “intelectuais étnicos” como indivíduos ou grupos de indivíduos empenhados em promover o grupo do qual são egressos, empregando energias em ações regulares, que os

tornam um referencial para seus coletivos não tanto por suas posses econômicas ou poder político, que podem até ser expressivos, mas pelo interesse em agregar aqueles a quem dirigem um discurso de mobilização de modo relativamente contínuo. São personagens presentes em entidades associativas ou grupos de mobilização, responsáveis também pela expressão verbal da visão simbólica que delinea o que se supõe seja o conjunto abrangido por estas representações. Movem-se num âmbito de manifestações culturais, possuindo um nível de educação maior que seus correligionários ou um trânsito maior pelo universo letrado. Mesmo que detenham uma posição incomum em seu grupo, não têm seu poder calcado prioritariamente no poder econômico ou político – próprio do “dirigente” –, não raro precisando disputar sua liderança com outros concorrentes.

Como sujeitos históricos, mesmo que haja indivíduos notáveis, não se pode desconhecer o elemento coletivo que está presente no dia a dia das associações e nas redes de trocas intelectuais. Agentes e intelectuais étnicos vão refletir também as circunstâncias do grupo do qual são egressos, podendo assumir posições conservadoras, quando o grupo está se configurando como uma elite local, ou combativas, quando visam reverter situações adversas. Para o estudo da mudança e da agência sociais, estas últimas são mais significativas. Em termos de atores sociais, os intelectuais étnicos são encontrados entre religiosos, educadores, intelectuais vinculados a instituições de guarda de acervos (“museus ou acervos étnicos”) e a universidades, líderes de entidades associativas, romancistas, artistas e políticos.

Das entidades mutualistas urbanas, das paróquias e escolas rurais às associações recreativas e culturais dos imigrantes, das irmandades negras às associações negras fundadas antes mesmo da abolição, tanto a historiografia da emigração quanto os estudos de escravidão e da população africana pós-abolição muito avançaram em termos de pesquisa histórica que respalda

análises sobre grupos étnicos. Postular a sistematização de uma noção teórica é consequência da análise de uma parte desta produção e da percepção de que o fenômeno do “intelectual étnico” se manifesta em contextos interétnicos, com algum nível de urbanização, nos quais os membros do grupo têm acesso à educação e aos meios de comunicação.

Referências

ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias*. Um estudo da imigração ucraniana – 1895-1995. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

BALLER, Gisele Inês. *Espaços de memória e construção de identidades*: estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 2008.

BANTON, Michael. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições 70, São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BARTEL, Carlos E. *O Movimento Sionista e a Formação da Comunidade Judaica Brasileira (1901-1956)*. Porto Alegre, 2012. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 2012.

BECKER, Howard. Conferência: A Escola de Chicago. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 2, p. 177-188, 1996.

BERNASCONI, Alicia; FRID, Carina. *De la Europa a las Américas*: dirigentes y liderazgos (1880-1960). Buenos Aires: Biblos, 2006.

BERNASCONI, Alicia. Periodistas e dirigentes políticos: la disputa por la conducción de la colectividad italiana en tiempos de conflicto (1919-1920). In: BERNASCONI, A.; FRID, C. *De la Europa a las Américas*: dirigentes y liderazgos (1880-1960). Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 83-97.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *Maçambique de Osório entre a devoção e o espetáculo*: não se cala na batida do tambor e da maçaquaia. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr C. et all. *Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora Porto Alegre, 2010.

BJERG, María; OTERO, Hernán. Inmigración, liderazgos étnicos y participación política. In: BERNASCONI, A.; FRID, C. *De la Europa a las Américas*: dirigentes y liderazgos (1880-1960). Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 43-61.

- BOSCHILIA, Roseli. A Sociedade Portuguesa em Curitiba: um projeto identitário (1878-1900). In: MATOS, M. I.; SOUSA, F. de; HECKER, A. (org.). *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru: Edusc, 2008. p. 339-355.
- BOSENBECKER, Patrícia. *Uma colônia cercada de estâncias: imigrantes em São Lourenço/RS (1857-1877)*. Porto Alegre, 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e gênese de classe. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 133-161.
- CAMPOS, Deivison Moacir Cezar. *O Grupo Palmares (1971-1978): Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico*. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, 2006.
- CEVA, Mariela. Los mediadores religiosos en la inmigración de trabajadores friulanos a Villa Flandria en la Segunda Posguerra. In: BERNASCONI, A.; FRID, C. *De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)*. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 113-125.
- CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Carlos Santos: uma biografia*. Porto Alegre: Edipurs/IEL, 1994.
- CORADINI, Odaci Luiz. Os significados da noção de “italianos”. In: MAESTRI, M. (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996. p. 33-39.
- COSTA, Emília Viotti da. Estrutura versus Experiência. Novas tendências da história do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 3-16. 1º sem. 1989.
- DA ORDEN, María Liliana. Liderazgo étnico, relaciones personales y participacion política: lós españoles en Mar del Plata, 1883-1930. In: BJERG, M.; OTERO, H. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA/IEHS, 1995. p. 133-167.
- DEVOTO, Fernando. Prólogo. In: BERNASCONI, A.; FRID, C. *De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)*. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 9-14.
- FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito*. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Caxias do Sul: Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FROTSCHER, Méri. *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

GANS, Herbert J. Symbolic Ethnicity: The future of ethnic groups and cultures in America. In: SOLLORS, W. (ed.). *Theories of ethnicity: a classical reader*. New York: New York University Press, 1996. p. 424-459.

GANS, Magda Roswita. *Presença Tenta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, fascismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GJERDE, Jon. Identidades múltiples y complementarias. Inmigrantes, liderazgos étnicos y el Estado em Estados Unidos. In: BERNASCONI, A.; FRID, C.. *De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)*. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 63-79.

GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991 [1961].

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da Cultura*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KLUG, João. Confessionalidade e etnicidade em Santa Catarina: tensões entre luteranos e católicos. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 16, n. 24, p. 111-127, out. 1998.

KREUTZ, Lúcio. Das Schulbuch (O livro escolar), 1917-1938. Um periódico singular para o contexto da imprensa pedagógica no período. *História da Educação*, Pelotas, v. 23, p. 193-218, 2008.

MAÍZ, Claudio. Tramas culturales. De las determinaciones sociales a la red intelectual. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 20, n. 37, p. 19-35. jul. 2013.

MALCZEWSKI SCHR, Zdzislaw. Editorial. *Polonicus*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 10-11, 2010.

MALCZEWSKI SCHR, Zdzislaw. O caráter específico do serviço pastoral da Sociedade de Cristo no Brasil. *Projeções*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 74-88, 2000.

MOCELLIN, Maria Clara. *Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul*. Campinas, 2008 (Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MÜLLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M. Modelos de liderazgo em comunidades emigradas. Alguns reflexões a partir de los espanhóis em América (1870-1940). In: BERNACONI, A.; FRID, C. *De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)*. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 17-41.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

RIBEIRO, Liane Beatriz Moretto. Escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L. A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. II. p. 555-576.

RODYCZ & ORDAKOWSKI EDITORES. *Portal da Editora Rodycz & Ordakowski Ltda*, 2005. Disponível em <http://www.roeditores.com.br/>. Acesso: 12 jan. 2014.

ROSA, André Luiz. *Operários da Bola*. Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950. Florianópolis, 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

SANTOS, Guarani. *A violência branca sobre o negro no Rio Grande do Sul (1725-1889)*. 2 ed. Porto Alegre: Livraria Ponto Negro Brasileiro, 1990.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada*. Intelectuais negros e imprensa - Pelotas (1907-1957). Pelotas: Universitária, 2003.

SANTOS, José Antônio dos. Estratégias étnicas e trajetórias de intelectuais negros. *Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://escravidaoliberdade.blogspot.com.br/2013/07/anais-do-vi-encontro-escravidao-e.html>. Acesso: 05 set. 2013.

75 ANOS da presença dos padres vicentinos. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1978.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o Fruto*: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Antropologia Social) - Museu Nacional/UFRJ, 2004.

SARNA, Jonathan D. From Immigrants to Ethnic: Toward a New Theory of "Ethnicization". *Ethnicity*, Academic Press, v. 5, p. 370-378, 1978. Disponível em: <http://www.bjpa.org/Publications/details.cfm?PublicationID=12079>. Acesso: 01 out. 2013.

SCHMIDT, Benito B. História e biografia. In: VAINFAS, R.; CARDOSO, C. F. (Orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-205.

SEIDL, Ernesto. Intérpretes da história e da cultura: carreiras religiosas e mediação cultural no Rio Grande do Sul. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 14, n. 16, p. 77-110, 2007.

SILVA, Haíke R. K. da. *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão*. A história de uma liderança étnica (1868-1950). São Leopoldo: Oikos, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco*. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

WACHOWICZ, Rui C. *O camponês polonês no Brasil: Raízes medievais da mentalidade emergente*. Curitiba, 1974. Tese (Livre Docência) - Universidade Federal do Paraná, 1974.

WEBER, Regina. Romances sobre inmigrantes y afirmación étnica. *Acta Literaria* (Chile), v. 27, n. 38, p. 27-42, jun. 2009.

WEBER, Regina; WENCZENOVICZ, Thaís J. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 16, n. 1, p. 159-170, jan./abr. 2012.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo/RS: Editora Feevale, 2004.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

WOLFF, Cristina Scheibe; FLORES, Bernadete Ramos. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (Orgs.). *Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Editora da Ulbra, 1994. p. 209-220.

ZANINI, Maria Catarina C. *Italianidade no Brasil Meridional*. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.

ZUBILLAGA, Carlos. Notas para una tipología de los liderazgos en la inmigración española en Uruguay, 1870-1960. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, v. 15, n. 44. p. 147-163, 2000.

